



CÂMARA MUNICIPAL DE UBÁ

ESTADO DE MINAS GERAIS

PROJETO DE LEI Nº 107/90

À
Comissão de Legislação, Justiça e Redação Final

Em

2/11/90
[Handwritten signature]
Presidente da Câmara

Dispõe sobre concessão de Título de Cidadania Honorária de Ubá ao **Sr. Milton' de Abreu D'ávila** e contém outras disposições.

Art. 1º - Fica concedido ao **Senhor Milton de Abreu D'ávila**, nos termos da Lei Municipal 864, de 25 de janeiro de 1971, o Título de **Cidadania Honorária**, pelos relevantes serviços prestados e em virtude de seu devotamento e amor às causas cívicas e sociais de nossa comunidade.

Art. 2º - O Diploma alusivo ao Título de que trata o artigo anterior será entregue em Sessão Solene do Legislativo Ubaense em data previamente designada.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, "Vereador Lincoln Rodrigues Costa", da Câmara Municipal de Ubá, aos 12 de novembro de 1990.

[Handwritten signature]
VEREADOR LUIZ TARCÍSIO PEIXOTO GUIMARÃES

Milton de Abreu d'Avila, nasceu na cidade de Abre Campo, Minas Gerais. Filho de pianista e neto de flautista. Sua mãe Ana Carolina de Abreu d'Avila e seu pai Alencar Magalhães d'Avila, viajante.

Veio para Ubá aos 6 anos de idade; Fez seus estudos primários na Escola Estadual Coronel Camilo Soares e no Colégio Brasileiro, cursando depois até a 4a. série ginasial. Aos 12 anos aprendeu com sua mãe as primeiras notas musicais. Aos 13 anos iniciou seus estudos de flauta com o professor Zezinho Pereira; aos 16, teve seu segundo professor de flauta - professor Juvêncio Júnior - nesta época já fazia suas serenatas com Lilino Cafine e Antenor Dias Moreira.

Tocou no câro da Igreja São José, do qual fazia parte: Dalva Balbi, Consuelo Sollero, Ilca Brando, Pupu, Dedé, Maria dos Anjos e Hebe Cavalière. Na inauguração do Ubá Tênis Clube, ainda na Praça Guido Marlière, foi formado o primeiro conjunto para aquele clube por seu primeiro professor, Zezinho Pereira, Tocavam neste conjunto: Milton d'Avila na flauta, Emilce Balbi no piano, Oliveira, baterista e cantor; Jacy no piston: Zé Bonzinho no Baixo e Nelson Trajano no Trombone. Nesta época se passava muito aperto como instrumentista, pois as partituras eram quase lidas de primeira vista; chegava uma música nova e às vezes sem ensaio elas já estavam nas estantes para serem tocadas. O Sr. Zezinho confiava muito em seus músicos e sempre fazia destas loucuras. Até que foi bom. Isto ajudou a desenvolver a leitura musical.

Seu maior sonho era ser viajante igual ao pai. Contava os dias para sair do Ginásio e ir para o Rio de Janeiro, a fim de aprender a trabalhar e conhecer o ramo que queria - Tecidos. Em 1943 isto aconteceu. Já estava trabalhando no atacadi de tecudis à rua São Bento, nº 9 - Seara Rosa & Cia. Quando já estava quase preparado para viajar, em 1944, foi convocado na ocasião da guerra e teve que seguir para São João Del Rei. Julgado apto foi fazer o Curso Regional de Formação de Graduados, juntamente com amigos de Ubá: Campomizzi Filho, Abel Braga, Raul Porto, Cícero Jardim e Bernardino Carneiro. Enquanto fazia o curso, aproveitava as folgas para conhecer toda a cultura musical de São João Del Rei, as filarmônicas e os câros das famosas igrejas; aos domingos levava também sua flauta e tocava no câro, época em que ficou conhecendo a famosa Orquestra Ribeiro Bastos. Faz amizade com seu colega de flauta e maestro Sr. Nilco Viegas, grande flautista da época, já falecido. Eram serenatas, músicas no café Rio de Janeiro, e música por toda parte

dê São João Del Rei. Época que saiu o famoso bolero Rosas de Maio.

No final de 1944, depois do curso terminado, fez novo exame de saúde em Juiz de Fora e seguiu para o 10º Regimento de Infantaria de Belo Horizonte para se juntar à FEB no Rio de Janeiro, mas com a graça de Deus a guerra acabou e em Belo Horizonte mesmo teve sua baixa no Exército, em Julho de 1945. Em 1945 mesmo volta para o Rio de Janeiro e assume novamente seu emprego. Nesta época ficou conhecendo os dois melhores flautistas do Rio: Dante Santoro e Benedito Lacerda e teve também a felicidade de conhecer o melhor consertador de flauta e um grande artesão de instrumentos musicais, Osmar Silva. Com ele aprendeu toda arte de consertar e sapatilhar suas flautas. No mesmo ano inicia suas tão desejadas viagens. Estava realizado o seu grande sonho, já era um viajante.

Em 1949, casa-se com sua vizinha Maria Salomé Carneiro Costa, filha de D. Judith Carneiro Costa e do Sr. Raul Costa. Sua esposa até hoje é sua grande incentivadora para não deixar a música e sua flauta. Em 1950 nasce sua primeira filha, Ana Lúcia, hoje professora de música e piano, casada com Dr. João Eduardo Andrade. Depois Angela, funcionária do Banco do Brasil; Mil^ltinho, Engenheiro de Minas, hoje industrial, casado com Cláudia Gouvea dos Santos Teixeira, e seu caçula Raul, professor de Música e Flauta na Universidade Federal de Pelotas - Rio Grande do Sul.

Foram também suas companheiras de música D. Francisca Dias Paes, a maravilhosa D. Chiquinha e Aparecida Rocha Ramos, Tocaram em côro, casamentos e festividades do Rotary, Lions e Maçonaria. Era música de todo jeito e todo tipo.

Em 1953 entrou como sócio na Sociedade dos Viajantes e Representantes comerciais. Em 1956 foi convidado para fazer parte do Conselho Deliberativo desta casa onde acabou ocupando todos os Cargos. Como Presidente, 1968/1969, comprou o prédio do Banco Mineiro da Produção, à rua São José onde hoje se encontra a Galeria dos Viajantes. Organizou e inaugurou o Museu da Sociedade e deu o nome do seu digno colega, Antônio Salles de Carvalho, e a Biblioteca teve o nome daquele que idealizou a Sociedade, Raphael D'Amore, ambos já falecidos.

Depois de ter viajado 40 anos: 5 na Estrada de Ferro Leopoldina, 25 anos num jeep Land Rover e 10 de fusquinha, já aposentado, aos 62 anos, ainda teve o privilégio de viajar para seu filho Mil^ltinho, passando para ele sua experiência de viajante vendedor e toda sua freguesia da região que trabalhou.

Hoje, aos 67 anos, continua fazendo suas músicas com seus amigos Alexandre, Marquinho e José Roberto.

Em 1967 recebe a visita de uma colega flautista, Odette Ernest Dias. Odette, nascida em Paris, formada pelo Conservatório Nacional Superior de Música, que lhe concedeu o 1º Prêmio de Flauta em 1951, veio para o Brasil no ano seguinte, contratada pelo Maestro Eleazar de Carvalho. Nos últimos anos vem se dedicando à pesquisa da música barroca mineira e da música Brasileira do século XIX e do princípio do século XX.

Pessoa extremamente competente e simples, Odette tocou com Milton e seus companheiros toda uma madrugada e cita seu nome e seu trabalho como músico na página 334 de um livro publicado em 1988, intitulado 3º Encontro Nacional de Pesquisa em Música, feito por mais de 150 pesquisadores e professores, brasileiros e estrangeiros, promoção da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Museu da Inconfidência de Ouro Preto e da Orquestra Ribeiro Bastos de São João Del Rei.

Além desta grande homenagem de ter seu nome perpetuado num livro que correrá por todo o Brasil e fora do Brasil, Milton teve ainda o privilégio de ensinar flauta às suas netas como ensinou ao filho Raul e tocar junto com elas algumas músicas de seu repertório. Mas a maior das homenagens recebeu de Deus, ter lhe concedido a graça de receber tudo isto em vida e de ter lhe dado a melhor das homenagens, uma Família maravilhosa que lhe deu forças para tudo isto.

Em 16.08.90 recebeu da Casa da Cultura de Ubá, significativa homenagem no Projeto Nossa Arte Nossa Gente.